
higher and more plausible interpretation of Ratzinger would be to read him in the light of the larger tradition of the Church's mystical theology and doctrine.

**A FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO
(MIRCEA ELIADE) E OS ESCRITOS
DA IRMÃ LÚCIA (1907-2005)**

Manuel Gama

~~Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho~~

Centro de Estudos Humanísticos e Escola
de Letras, Artes e Ciências Humanas da Uni-
versidade do Minho

O nosso estudo é composto por três pontos. Primeiramente, é feita uma muito breve incursão pelo pensamento de Mircea Eliade no âmbito da fenomenologia e da filosofia da religião. No segundo ponto, fazemos uma apreciação da experiência mística da Irmã Lúcia, usando o método de pôr os seus textos a falar, tentando interpretar – à luz das ideias de M. Eliade – o significado da sua linguagem nos escritos de cariz diarístico, expostos nos volumes de manuscritos intitulados *O Meu Caminho*, até há pouco tempo totalmente inéditos e, agora, parcialmente divulgados. Por último, tratamos sinteticamente do perfil humano e espiritual da Irmã Lúcia.

Abstract

Our study consists of three points. Firstly, a very brief foray into Mircea Eliade's thought is made within the scope of phenomenology and philosophy of religion. In the second point we make an appreciation of Sr. Lucia's mystical experience, using the method of putting her texts to speak, trying to interpret – in the light of M. Eliade's ideas – the meaning of her language in her diaristic writings, exposed in the volumes of manuscripts entitled *O Meu Caminho* [My Path], until recently totally unpublished, and now partially disclosed. Finally, we succinctly look upon Sr. Lucia's human and spiritual profile.

Tópicos prévios

a) *Suscitação inicial por Fátima.* Sou natural de Freixianda, a pouco mais de três dezenas de quilómetros de Fátima, que é uma freguesia do concelho de Ourém, no seu extremo norte. Nessa freguesia tenho vários familiares.

A minha Mãe, além de criar e educar 7 filhos, e de se ocupar nas tarefas domésticas e também algumas agrícolas, ainda tinha à sua conta um pequeno comércio: uma venda, como se diz na região (mistura de mercearia e taberna).

Nessa loja, desde pequeno, ficaram-me registadas na memória algumas conversas, em que as mulheres abriam a alma a minha mãe. Depois do confessorário, certamente que aquele lugar era um local de logoterapia. Entre os acontecimentos, o que mais me marcou foi o das mães que regressavam da sua ida semanal a Fátima, a pé, em cumprimento de promessa, enquanto algum dos seus filhos cumpria o serviço militar numa das guerras coloniais em África. E essa impressão é de dupla ordem: por um lado, admirar-me dessas mães fazerem uma viagem tão longa (quando se é pequeno tudo tem uma amplitude maior), todas as semanas; por outro lado, refletindo mais tarde, via uma mistura de sentimentos por parte dessas mães: a dor, o medo, pelo facto de os seus filhos estarem na guerra, mas também a serenidade, a confiança por terem acabado de, como relatavam, entregar aos «pés de Nossa Senhora» (expressão delas) a vida dos seus filhos. Este voto parecia aliviar-lhes o seu peso. Nossa Senhora era uma espécie de fiel depositária dos seus "soldados". Estas imagens ficaram-me para a vida toda e levaram-me a trazer sempre comigo – ainda que no subconsciente – a ideia de Fátima e de Nossa Senhora. Embora, até há pouco, nunca tenha estudado o tema, fiquei à espera da oportunidade, que surgiu para este Congresso.

b) *Trajectoria deste estudo.* Quando comecei a recolher material para preparar a minha comunicação, fiz um pequeno percurso sobre as publicações à volta de Fátima (o chamado estado da arte), que são imensas. Aí, no imediato, não encontrei nenhuma em que o

meu tema fosse uma repetição (embora, o mesmo assunto tratado por outra pessoa traga sempre algo de novo; a maneira de dizer é diferente). No entanto, já a meio do trajeto, deparei-me com um ensaio precisamente sobre esta temática, da autoria do professor Carlos do Carmo Silva (docente na Universidade Católica Portuguesa e na Universidade de Lisboa)¹. Fiquei contente pelo alto valor do estudo – onde se pode encontrar uma transbordante e luminosa fundamentação, como é característica do que sai da sua pena –, mas algo desanimado por não querer repetir o assunto. Porém, afinal, mantive-o. Como dei a volta? É que, apesar de o ensaio do referido professor se desenvolver à volta das experiências místicas (em geral e sobre a Irmã Lúcia), para esta última dimensão a sua fonte assentou no que, até àquele momento, era conhecido, das *Memórias da Irmã Lúcia*. Como, entretanto, foram revelados novos escritos da Vidente, foi com base neles que fiz uma espécie de prolongamento do estudo dentro da mesma área. No entanto, no tópico inicial desta minha análise, tomei um rumo diferente, expondo as linhas do pensamento do pensador e professor romeno, Mircea Eliade (1907-1986), que tem estudos fundamentais no âmbito da filosofia e da fenomenologia da religião.

Por este introito se podem entender os contornos da minha comunicação: a primeira parte é uma incursão pelo pensamento de Mircea Eliade; a segunda é uma apreciação da experiência mística da Irmã Lúcia, usando o método de pôr os seus textos a falar, tentando interpretar o significado da sua linguagem nos escritos de cariz diarístico, patentes nos volumes de manuscritos intitulados *O Meu Caminho*, até há pouco totalmente inéditos e, agora, parcialmente divulgados. Por último, abordarei sinteticamente o perfil humano e a índole espiritual da Irmã Lúcia.

1. Carlos Henrique do Carmo SILVA, "Aparições e experiências místicas: reflexão sobre o fenómeno de Fátima e contributo para uma sua renovada meditação espiritual", *Didaskalia* 28-1 (1998).

1. O pensamento de Mircea Eliade: a caracterização do Sagrado

Mircea Eliade, ao longo dos seus estudos de caráter religioso, procura compreender o facto religioso naquilo que ele tem de específico e de irreduzível entre os diversos fenómenos de cariz antropológico. Nesse sentido, centra-se fundamentalmente na dimensão do sagrado², analisando-o através dos factos, da linguagem, dos gestos, etc. Ou seja, nos próprios termos de M. Eliade, são os estudos das hierofanias ou manifestações do sagrado que o conduzem no enalço do íntimo do ser religioso. No entanto, não tem em conta nenhuma religião em particular. Entre a vasta obra do autor nesta área – na sua maioria vertida para português –, dois livros são de especial importância: *Tratado de História das Religiões* (1949) e *O Sagrado e o Profano* (1959).

Para Mircea Eliade, os elementos fundamentais do sagrado podem condensar-se em dois principais: a rutura de nível e a realidade por excelência³. Nesses elementos se baseia a conduta especificamente religiosa do ser humano, que marca e orienta a sua existência, agora, fruto da sua inserção no sagrado, pela relação a um ser transcendente. O sagrado, com o seu impacto, determinará uma atitude específica do ser humano, que, entre outras dimensões, é marcada por uma rigorosa conduta de caráter ético.

1. 1. Vejamos agora a caracterização dos dois elementos do sagrado apresentados por M. Eliade. Na rutura de nível, o fenomenólogo da religião anota que nas várias e distintas hierofanias o crente vê emergir uma nova realidade simbolizada em cada objeto em questão,

2. Trata-se de um conceito de definição difícil. Para o seu esclarecimento, podemos tomar este contributo: «Rigorosamente falando, **sagrado** designa uma experiência fundamental no âmbito das religiões que consiste na conjunção tangível do visível e do invisível, deste mundo e do mais além», Luc FERRY, Marcel GAUCHET, *Lo Religioso Después de la Religión*, Anthropos, Barcelona 2007, 33; o negrito é nosso.

3. São muitos os estudos sobre o pensamento religioso de Mircea Eliade, produzidos geralmente em âmbito académico, dos quais destacamos alguns na bibliografia final, mais diretamente relacionados com o tema aqui apresentado e que tivemos em conta.

que aponta para um nível ontológico superior. Uma dimensão é o objeto, a estrutura espaço-temporal; outra é a vivência e o “algo” que exala dessa realidade. Diríamos que é o “tlim” que se sente emanar do âmago desses objetos ou realidades; ou seja, a existência de uma «qualquer coisa», na expressão utilizada por Mircea Eliade⁴. Mas, tal como é exigido pelos estudos de fenomenologia da religião, esse “algo mais” tem de ser distinto do si mesmo. Então, aquele que se abeirou do sagrado sente nessas realidades uma energia especial, do mundo do inefável, é verdade, mas que condiciona as suas atitudes, dando-lhes uma orientação pautada por princípios claramente éticos, como referimos acima. Ou seja, os efeitos do sagrado são tanto de ordem psicológica como axiológica⁵. O objeto não sofre qualquer alteração: nem no seu aspeto exterior, nem na sua constituição, nem tão-pouco na sua realidade ontológica. Acontece é que, apesar de se manter inalterado, para o crente ele funciona como veículo ou exalante de uma outra realidade. Daí que o autor romeno se refira não só à multiplicidade, mas sobretudo à dialética das hierofanias e à ambivalência do sagrado: «A dialética da hierofania pressupõe uma escolha mais ou menos manifesta, em que incorpora (isto é, revela) algo para além de si mesmo»⁶. Portanto, tal como se depreende, toda a hierofania é simultaneamente sagrada e profana, incorporando realidades distintas, até opostas, mas é essa situação, de «paradoxal coincidência», na expressão de Eliade, que representa a rutura de nível na ordem do ser:

«[...] num dado momento histórico, cada grupo humano transubstanciou, pela parte que lhe tocava, certo número de objetos, de animais, de plantas, de gestos, em hierofanias, e é muito provável que, no fim de contas, nada tenha escapado a esta transfiguração, prosseguida durante dezenas de milénios da vida religiosa»⁷.

4. Cf. Mircea ELIADE, *Tratado de História das Religiões*, 4.ª ed., Asa, Porto 2004, 37-39.

5. *Idem*, 41.

6. *Idem*, 39. Como, igualmente na mesma obra, acrescenta: «Em resumo, o que revelam todas as hierofanias, até as mais elementares, é esta paradoxal coincidência do sagrado e do profano, do ser e do não-ser, do absoluto e do relativo, do eterno e do devir» (*idem*, 58).

7. *Idem*, 38.

Na / Nesta situação se baseia a distinção entre objetos /grados e objetos profanos, cada um cumprindo a sua função. Estes têm uma função natural; aqueles cumprem uma nova dimensão, fruto das suas propriedades fora do normal, levando o homem crente a uma postura diferente, pois, para ele, a realidade é distinta. O objeto hierofânico «só se torna numa hierofania no momento em que deixou de ser um simples objeto profano, em que adquiriu uma nova dimensão: a da sacralidade»⁸. São estes, em ambiência de hierofania, que condicionam de uma forma especial o modo de existência do ser humano religioso, tornando-o distinto dos demais irmãos de espécie. No domínio espacial, por exemplo, realça-se a heterogeneidade quando a um lugar se atribui um caráter sagrado e se percebe aí a revelação de uma realidade absoluta: «Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras»⁹. E, como tal, é-lhe vislumbrado um novo – superior – nível ontológico que, na imagem de Mircea Eliade, se dá pela “passagem” pela porta estreita¹⁰. É a partir desta forma de estar perante a realidade, que o crente sente que há algo mais para além dela, até com caráter salvífico, que, afinal, é a *realidade por excelência*¹¹.

1. 2. Sentindo o novo nível ontológico, o homem religioso percebe que a realidade “outra” supera a realidade natural, ao ver nessa dimensão marcas de consistência, abundância, eficácia, perenidade, que não encontra nesta que experiencia como imperfeita, limitada, caduca. É naquela ambiência que vê brotar energias de máxima potência e, como tal, apresentar-se-lhe como a realidade por excelência¹². É desta nova realidade de plenitude ontológica que se vê derivar uma função fundante em relação aos seres humanos e ao próprio mundo. É nessa realidade, cheia de potência e capaci-

8. *Idem*, 40.

9. *Idem*, *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*, Livros do Brasil, Lisboa, 1999, 35; o itálico é do original.

10. *Idem*, 187-191.

11. *Idem*, *Tratado de História das Religiões*, 57-59.

12. *Idem*, *O Sagrado e o Profano*, 35.

dade, que deseja embeber-se, para participar do seu poder. Daí que, quanto mais religiosa seja uma pessoa, maior é o seu encantamento e menor é a sensação de desamparo, de insegurança e de medo de se perder. Eliade vê essa sede do sagrado como uma expressão natural de nostalgia do ser, própria do ser humano¹³.

Assim, frequentar ou, mesmo, viver num espaço sagrado significa situar-se mais próximo da entidade sagrada, assegurando uma comunicação com os deuses e sentindo-se protegido de quaisquer eventualidades¹⁴. Igual situação se passa com o tempo sagrado ou a festa. No fundo, o homem religioso vive “hierofanias cósmicas”¹⁵, experiências que, a cada momento, o remetem para um mais além de si mesmo, sentindo-as embebidas numa auréola de caráter sobrenatural.

Portanto, esta descrição coloca Eliade no rasto do *homo religiosus*. Embora, sendo o sagrado uma realidade ambivalente, não se dá a conhecer em termos descritivos, dada a limitada capacidade expressiva do homem¹⁶. Só através de uma linguagem sugestiva, recorrendo a metáforas, comparações, imagens, podemos tirar um pouco o véu dessa realidade. A variedade de formas que o religioso tem apresentado ao longo da história da humanidade já é de outra índole, de que não nos ocuparemos aqui.

2. A Irmã Lúcia e a sua relação com o sagrado

Dentro daquilo que se pode abranger sob a denominação de fenómeno de Fátima, e no âmbito temático do nosso estudo, queremos realçar o ensaio de Carlos do Carmo Silva, já aludido acima. Este é um longo exame, com transbordante e luminosa fundamentação,

13. *Idem*, *Tratado de História das Religiões*, 473-477, e *O Sagrado e o Profano*, 76-77.

14. *Idem*, *O Sagrado e o Profano*, 35 ss.

15. Enuncia Mircea Eliade que, precisamente, «O objeto destes primeiros capítulos é o de pôr em relevo, o mais possível, a estrutura das hierofanias cósmicas, isto é, mostrar o que nos revela o sagrado manifestado através do Céu, das águas ou da vegetação, etc.» (*idem*, *Tratado de História das Religiões*, 22-23).

16. Cf. Juan de SAHAGUN LUCAS, *Interpretación del Hecho Religioso. Filosofía e Fenomenología de la Religión*, Ediciones Sígueme, Salamanca 1982, 53.

que engloba, em simultâneo, os temas de fenomenologia e filosofia da religião, teofanias e hierofanias, comunicações místicas, em sentido geral, assim como a análise circunstanciada do fenómeno de Fátima, entendido em sentido lato (nele se incluem as *Memórias da Irmã Lúcia*). É na pegada deste estudo que queremos prosseguir. No entanto, são diferentes as nossas fontes dos escritos da Irmã Lúcia. Enquanto Carmo Silva – em estudo elaborado, há 20 anos, por ocasião do 80.º aniversário das Visões –, se alicerçou nas *Memórias da Irmã Lúcia*¹⁷, nós tomamos, sobretudo, como fonte outros seus escritos, editados posteriormente, incluídos nos manuscritos de *O Meu Caminho*, em vários volumes, que se encontram depositados no Arquivo do Carmelo de Coimbra e que, parcialmente, e em pequenos trechos, foram dados à estampa no livro *Um Caminho sob o Olhar de Maria. Biografia da Irmã Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado*, publicado apenas em 2013¹⁸. Nesta obra temos igualmente acesso mais pormenorizado a aspetos particulares do seu perfil humano e espiritual, incluindo as vivências místicas da primordialmente Pastorinha de Fátima, como também aumentamos o conhecimento da sua dimensão convivial quotidiana, onde se evidencia a sua exemplar faceta relacional.

Assim, o nosso estudo, fundamentado em “novos” escritos da Irmã Lúcia, vem confirmar as teses publicadas por Carlos do Carmo Silva, aquando da comemoração do 80.º aniversário do fenómeno em Fátima, onde o próprio autor enuncia como seu objeto de estudo procurar «salientar alguns traços fundamentais das aparições de Fátima equacionando-os a partir dos contextos da experiência espiritual, havendo adiante de se precisar os vários sentidos desta experiência como mística, e o sentido alargado em que se tomará a propósito da vidência dos Pastorinhos»¹⁹.

17. Publicadas em várias edições e, recentemente, em 2016, com edição crítica de Cristina Sobral, conforme fazemos referência na bibliografia final.

18. CARMELO DE COIMBRA, *Um Caminho sob o olhar de Maria. Biografia da Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado O. C. D.*, Edições Carmelo, Coimbra 2013.

19. Carlos Henrique do Carmo SILVA, *ob. cit.*, 24. O itálico é do original.

Pelo nosso lado, aplicando as ideias da fenomenologia e filosofia da religião, de Mircea Eliade, ao caso particular dos escritos da Irmã Lúcia, podemos fazer algumas análises e tirar as respetivas conclusões. Em antecipação, e em consonância com o referido estudo, também achamos que no cerne da aura mística – aqui aplicado ao acontecido na Cova da Iria e, depois, ao longo da vida da Irmã Lúcia – se encontra a *comunicação*²⁰. É no mesmo sentido que conclui também Jorge Guarda, na *Enciclopédia de Fátima*: «Pela experiência de Deus, os pastorinhos aproximam-se dos místicos da Igreja, daqueles que, no dizer de Jesús Castellano, por um particular carisma do Espírito Santo, receberam o conhecimento superior do mistério de Deus [...]»²¹. Igualmente, para horizonte idêntico, apontam as conclusões de Carlos Azevedo no seu livro *Fátima: das Visões dos Pastorinhos à visão cristã*, publicado em 2017²².

Através do sagrado, a Irmã Lúcia passou pela experiência particular em que conjugou o visível e o invisível, este mundo e o mais além, o natural e o sobrenatural, como é próprio das hierofanias.

2. 1. A linguagem mística da Irmã Lúcia em *O Meu Caminho*

Aspeto prévio. Numa das formas mais radicais de entender a liberdade, a Irmã Lúcia tomou a sua vida, a sua vida *toda*, e decidiu dedicá-la a Deus, primeiro como religiosa doroteia e, depois, como religiosa carmelita. Diz ela que a sua passagem no mundo «foi apenas o caminho para Deus»²³. Sempre com esse pensamento presente,

20. *Idem*, p. 21.

21. Jorge Manuel Faria GUARDA, “Pastorinhos”, em Carlos A. Moreira AZEVEDO, Luciano CRISTINO (Coord.), *Enciclopédia de Fátima*, 2.ª ed., Príncipeia, Cascais 2009, 392.

22. Carlos A. Moreira AZEVEDO, *Fátima: das visões dos Pastorinhos à visão cristã*, A Esfera dos Livros, Lisboa 2017, 216.

23. A partir daqui, faremos a transcrição de passagens de *O Meu Caminho* – escritos da Irmã Lúcia depositados no Arquivo do Carmelo de Coimbra –, usando a sigla MC, seguido do acrónimo COM, e respetivas páginas, que é a abreviatura da obra que nos serve de fonte: CARMELO DE COIMBRA, *ob. cit.*: MC, I, 208, *apud* COM, 7. Os negritos das citações são nossos.

entendendo o sentido radical do Evangelho, frequentemente entrevisto no rosto de Nossa Senhora – «sob o olhar de Maria» –, empenhou-se na salvação da humanidade, de “toda” a humanidade, como é próprio do espírito do sagrado.

Tomando por dado indiscutível a sólida fé cristã da Irmã Lúcia, de herança familiar, que se robusteceu nos contactos directos com o Divino, e tendo agora como fonte do nosso conhecimento os seus depoimentos, contidos no seu manuscrito autobiográfico *O Meu Caminho*²⁴, podemos proceder à análise da sua linguagem e deduzir algumas conclusões. Para tal, tomamos as orientações dos estudos de fenomenologia e filosofia da religião de Eliade, acima referidos, que, por diversos sinais, nos dão as balizas do “estar com Deus”. Isto é, trata-se daquilo que se revela numa pessoa, pela sua conduta e/ou pela sua linguagem escrita, de que alguém não é mero executor de ritos, mas atingiu a auréola do sagrado, em relação mística. Neste horizonte, procedi à individualização de algumas categorias mais marcantes da estatura mística de Lúcia, fundamentando-me nas teorias de Eliade e fazendo ilustrações com trechos dos escritos da Vidente²⁵:

em itálico

- a) A doação total
- b) *A relação mística: intimidade e pessoalidade*
- c) *A relação criatura-criador e a consistência do sagrado*
- d) *A ambivalência do Amor*
- e) *O sagrado arrebatado*
- f) *A binomia consolação-desolação*
- g) *Aura do sagrado, de desejo e de facto; estado que a leva à felicidade*
- h) Na crença religiosa também há lugar à dúvida

//

a) A doação total (apesar da limitação ou impotência)

24. Segundo esclarecimento do padre Aníbal Castelhana, vice-postulador da causa da beatificação da Irmã Lúcia, este documento, que começou a ser escrito na década de 1940, tem «muitos milhares de páginas», a maior parte escrita à mão, e vem pôr à luz a «intimidade espiritual» da Irmã Lúcia, em <http://online.sapo.pt/331505>, consultado em 06-07-2016.

25. Embora haja dimensões da sua linguagem enquadráveis em mais do que uma categoria, tivemos de fazer opções e inseri-las na que nos pareceu mais apropriada.

Depois do referido ato de liberdade total de dedicar a sua vida integral a Deus, a Irmã Lúcia expressa e renova muitas vezes tal decisão, mas sabendo das limitações do ser humano, pede graça para o completo alcance de tal aspiração. No sagrado, há a necessidade de a criatura ser doação completa, que Lúcia deseja e nutre, para se sentir “toda” imersa no ser de Deus.

«De Ti meu Deus, espero a graça de seguir com fidelidade o que de mim quereis, **dar-Te tudo, dar-me toda!**»²⁶.

«Concede-me, ó Bom Jesus, que em tudo e sempre eu siga a senda dos Teus passos e a luz dos Teus exemplos. Ela será a estrela que brilha diante de mim e fitando o seu rasto seguirei o eco da Tua voz. Ajuda-me a subir com passo firme a encosta agreste da montanha que na minha frente se ergue, que em tudo Te dê glória, e como Tu possa dizer “As coisas, pois, que digo, digo-as como Meu Pai mas disse”»²⁷.

No dia 31 de maio de 1949, no Carmelo de Coimbra, para o ato dos Votos Solenes de Pobreza, Castidade e Obediência, a Irmã Lúcia tinha um bilhete com as suas intenções, onde se lia:

«Senhor aceita, pelo amor que tens à minha **pobre** alma, o holocausto que Te ofereço na minha solene Profissão em odor de suavidade e de **vítima** imolada em amor por Ti, por Tua Mãe Bendita, num canto perene de eterno louvor e ação de graças. Para mim só isto Te peço, viver e morrer num ato de **puro amor** no tempo até abismar-me em Ti na eternidade»²⁸.

«Conheces a aspiração que Tu mesmo me deste: Amar-te e **imolar-me** por Teu Amor! [...]»²⁹.

b) A relação mística: intimidade e pessoalidade

A relação com o sagrado é uma relação íntima e pessoal, condições

26. MC, I, 139, *apud* COM, 249.

27. MC, I, 209, *apud* COM, 315.

28. MC, I, 282-283, *apud* COM, 358.

29. MC, I, 283, *apud* COM, 359.

para a comunicação pelo entendimento ou pelo sentimento. Com data de 13 de junho de 1943, a Irmã Lúcia escreve:

«O Senhor Arcebispo de Valladolid veio a Tuy para fazer a consagração da Diocese ao Imaculado Coração de Maria. O ato revestiu-se de grande solenidade com a presença das autoridades Religiosas e civis. A Comunidade foi quase toda assistir; eu preferi unir-me espiritualmente, ficando essas horas junto do meu querido Sacrário **a sós** com Jesus. Estes momentos são sempre para mim de grande emoção e, por isso prefiro, quanto possível, passá-los **a sós** com Deus na **intimidade da Sua presença** e no sentimento do próprio **nada**. É então que Jesus fala, que Se faz sentir, **que Se comunica** [...]»³⁰.

Relatos de momentos de relação mística com Deus (e não com Nossa Senhora). Nesta passagem se mostra que os amantes, em ambiência amorosa, não precisam de falar; basta o estar sendo.

«– Primeira Sexta-feira, faço retiro do mês, **sinto a presença de Deus**. Sinto que sou o Seu Sacrário vivo onde Ele mora com misericórdia Infinita, Trino em Pessoas. Ele possui-me e eu sou d'Ele, repito-lhe no íntimo da minha alma: “Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro! Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento”. E sinto o eco dessas palavras longínquas: “A graça que hoje te é concedida, permanecerá sempre viva **em teu peito**, produzindo frutos de vida eterna”»³¹.

Em vésperas de fazer 80 anos:

«– Com a Comunidade terminei os exercícios espirituais que foram maravilhosos, sobre a vivência da oração litúrgica. **Senti a presença de Deus**, mergulhei na Tua imensidade, perdi-me no Oceano do Teu amor. Amo-Te com o Teu amor, entreguei-me, és Tu o meu paraíso! Encontrei em Ti tudo quanto desejei, nada mais quero que não sejas Tu, Trindade que amo»³².

30. MC, I, 124-152, *apud* COM, 258.

31. Registo de 6 de abril de 1951, em MC, I, 321-322, *apud* COM, 395.

32. Registo de março de 1987, em MC, III, 1987, *apud* COM, 396.

c) A relação criatura-criador e a consistência do sagrado

No entanto, a relação mística é assimétrica. Embora possa haver uma correspondência “tu-tu”, a criatura não consegue transpor o desnível em relação ao criador, que é a potência máxima. Perante o poder absoluto de Deus, perante a consistência do sagrado – que está para além da caducidade, do efêmero, do passageiro – a criatura, não perdendo a sua dignidade, sente-se “nada”. Apesar disso, a doação total não é gratuita, não é em vão; há um esgotamento pessoal, mas a favor da Luz.

«Sinto em mim um mistério de Luz, – Mistério que vem da Fé, Deus presente, Deus em mim e **eu, nada**, perdida na Luz como a **gotinha do álcool lançada na chama**, torna-se chama com ela, dá-lhe mais uma faceta, um ténue reflexo, e **encontra n'Ela a força, a graça, a vida, a paz, o Amor!**

[...]

Sim, Deus é paciente, espera, Deus é Bom, perdoa, Deus é Amor, ama-nos! Mas quer, pede e exige, a nossa correspondência, a nossa **submissão**, ~~a nossa fidelidade~~, a nossa fidelidade! Deus é o **Senhor**, *HS* e eu a sua **humilde serva**»³³.

«Resolvi, visto Nosso Senhor ter-me deixado, desde há tempo, viver só do desejo de O amar, de sofrer por Seu amor e a faculdade de me abismar [cfri] cada vez mais na **minha miséria** e no **meu nada**, escolher uma hora em que não estivesse ninguém na capela e depois de ter, humildemente prostrada a seus pés, pedido perdão das minhas faltas»³⁴.

d) A ambivalência do Amor

Enquanto o ser humano estiver limitado pelas coordenadas espaço-

33. MC, 124-124, *apud* COM, 246.

34. *Documentação Crítica de Fátima. V – Da criação da Capelania à Carta Pastoral de D. José. I. (13 Jul. 1927 – 31 Dez. 1928)*, Santuário de Fátima, Fátima 2010, 225-226, *apud* COM, 181.

-temporais não pode livrar-se da ambivalência do Amor. Apesar da sua plenitude, o Amor puro não está ao alcance dos terrenos.

«- Fiquei só com Jesus Sacramentado na capela, desde o fim do recreio da noite até à meia-noite, alumiada apenas pelo pálido clarão da lâmpada.

Ajoelhada no meio junto ao degrau da mesa da Sagrada Comunhão, meditava no mistério da Divina Presença no Augusto Sacramento, e o Bom Deus comunicou-Se tão intensamente à minha alma **que me senti aniquilada com a força do Amor, na humilhação, no abatimento do próprio nada. Mas o Amor, quando aniquila, purifica e dá vida, quando abate, dá força, quando humilha, dá luz e levanta à íntima união**»³⁵.

e) O sagrado arrebatada

No entanto, apesar da ambivalência do Amor, a confiança é tanta que a criatura se sente arrebatada. E, após o êxtase do enamoramento inicial, a relação não mais se parte:

«Sim, porque **desde que Te vi, nunca mais deixei** de olhar para a Luz da Tua face contemplando num espelho imenso a fita da Humanidade que passa na Sua frente. Nada lhe escapa a essa Luz incriada que tudo penetra e absorve em Si, onde tudo reflete como sombras que passam focadas no Ser Infinito do Eterno. Amo-te meu Jesus. Ave-Maria! Que felizes, considero eu, as almas que, recebendo do Senhor graças insignes, conseguem passar a vida guardando-as em silêncio no segredo do seu coração»³⁶.

f) A binomia consolação-desolação

Na relação mística há momentos de deleite, conforto e êxtase espirituais, mas também estados de alma marcados pelo desamparo, pela insegurança, pelo sentimento de abandono. Mesmo em empatia

35. MC, I, 139, *apud* COM, 249.

36. MC, 149, *apud* COM, 164.

com o Ser amado, o místico tem as suas securas de alma, os seus momentos de desolação (tomando, de S. Inácio de Loyola, a linguagem binómica consolação-desolação). No entanto, são situações diferentes: uma é a secura de alma, a desolação; outra é a dúvida na fé, que veremos adiante. Na presente categoria incluímos os momentos ou períodos de aridez. A Irmã Lúcia conta alguns desses momentos de desamparo (a "noite escura" joanina), por vezes, prolongados no tempo:

Em carta ao Bispo de Valladolid, de 1943, diz a Irmã Lúcia:

«Senhor, tenho medo de mim mesma, ajudai a minha extrema fraqueza»³⁷.

«Ao bater à porta do Sacrário, o **silêncio de há seis meses** interrompeu-se e, sentindo-me possuída dum bem e duma luz sobrenatural, fiquei não sei como. Parecia-me que Jesus me ia levar consigo. Depois de assim passar alguns instantes, Jesus terminou por me deixar numa paz e suavidade como, posso assegurar, nunca senti igual»³⁸.

Nova aparição em 1980, que serviu de bálsamo, de consolação, numa época de desolação:

Afirmção no livro do Carmelo de Coimbra:

«No dia 15 de março do ano seguinte, 1980, deu-se um novo encontro. Desta vez, uma visita de carinho maternal, para a confortar num **momento de escuridão**, talvez ouvindo o seu gemido por tardar tanto sua ida para o Céu... por se ver com menos forças e lhe parecer não estar a fazer nada...»³⁹.

Testemunho da Ir. Lúcia:

«Pairava sobre mim uma **noite muito escura**, coisas que Deus permite, **sombras densas** que só Deus sabe e Ele pode dissipar. Por isso n'Ele confiei e a Ele me entreguei, feliz. Quando menos espero,

37. MC, I, p. 140, *apud* COM, 252.

38. *Documentação Crítica de Fátima, ob. cit., apud* COM, 182.

39. CARMELO DE COIMBRA, *ob. cit.*, 391.

a Mãe do Céu entra-me na // cela, visita breve, que ainda que fosse longa, curta me teria parecido! Obrigada Senhora que tão solícita por esta pobre filha Te desvelas»⁴⁰.

«Na minha alma, **tudo eram trevas e amargura** no meu coração!»⁴¹.

Apesar de tudo, os seus estados de consolação sobrepõem-se aos estados de desolação. Havia certas noites em que, apesar do cansaço do dia de trabalho ou de uma certa debilidade natural, o sentimento da “relação” (o âmago do sagrado é essencialmente “relação”) era especialmente intenso:

«Em essas horas de maior recolhimento, costuma o bom Deus **comunicar-se tão intensamente** à minha pobre alma que não me resta dúvida alguma da Sua presença real»⁴².

: / *g) Aura do sagrado, de desejo e de facto/estado que a leva à felicidade*

Como nos místicos, na Irmã Lúcia há a felicidade da entrega, do compromisso total e, sobretudo, da entrega para sempre, como acontece com os amantes apaixonados.

«As expressões de **felicidade** que em tais casos emprego referem-se unicamente à felicidade que se encontra no **abraçar da cruz** por Amor de Deus e de Nossa Senhora»⁴³.

«Seja qual for o lugar onde me encontre, onde Tu queiras que Te sirva, aí serei **Tua para sempre**; embora oficialmente a minha profissão seja temporária, no contrato íntimo da nossa união, ela é já **para sempre!** E seja qual for o meu caminho, a terra macia ou áspera, pedregosa, que pise, ela será sempre o peregrinar da via estreita que antes Tu trilhaste por mim! E **sinto-me feliz de** Te pertencer [...]; sou **Tua inteiramente** [...]»⁴⁴.

40. MC de 15 de março de 1980, *apud* COM, 391 e 394.

41. MC, IV, 132, *apud* COM, 391.

42. Carta de 31 de janeiro de 1943, a D. António García y García, *apud* COM, 250.

43. MC, I, 60, *apud* COM, 178.

44. MC, I, 74, *apud* COM, 186.

A felicidade pela união mística (perene) *versus* felicidade terrena (caduca; efêmera; superficial).

Em carta, datada de 25 de março de 1948, dirigida à sua sobrinha, a Irmã Maria Amélia, diz:

«A vida cá é muito mais austera em todo o sentido, conte com isso, mas Nosso Senhor suaviza tanto que quase se não sente. É o complemento da perfeição que na terra uma pobre alma pode atingir de abnegação e de **união mística**... e eu gosto tanto!... Não trocava uma hora da **felicidade** que sinto pelos maiores bens do mundo»⁴⁵.

Noutra carta, datada de 4 de maio de 1948, ao Bispo de Coimbra, D. António Antunes, deixa refletir a sua beatitude:

«Mal as pessoas no mundo imaginam a **felicidade íntima** que o bom Deus comunica às almas que se Lhe consagram e O servem com fidelidade. [...] Se nos sentamos é no chão, oferecendo a Deus a comodidade das cadeiras que deixámos no pobre mundo; digo pobre mundo, porque estão bem longe de sentir a **nossa felicidade** no chão os que se sentam em belos estofos. E assim em todos os mais momentos da nossa humilde vida. Estamos todos tão **contentes e felizes** que até nos momentos de maior austeridade e penitência, o único que se vê em todos os lábios é um **alegre** sorriso. É bem certo que a **alegria** é dos filhos de Deus»⁴⁶.

Entrega total ao sagrado na vida terrena, confiando ~~Nele~~ todo o seu ^{/n'Ele} ser, e ~~Nele~~ depositando toda a esperança de uma vida amorosa com ^{/n'Ele} consumação no éxtase definitivo.

«Reataram-se hoje [dia da Profissão, em 31 de maio de 1949] ó Jesus os laços da nossa íntima união, do nosso **amor**, do nosso encontro para sempre! **Só lá na eternidade terá plena realização** e será consumada no éxtase do infinito! Enquanto que me deixas na terra, vai conduzindo meus passos pelo caminho reto do Amor, e se vires que vacilo, ampara a minha fraqueza para que não caia»⁴⁷.

45. Carta de 25 de março de 1948, *apud* COM, 346.

46. Carta de 4 de maio de 1948, *apud* COM, 348-349.

47. MC, I, 283-284, *apud* COM, 359.

h) Na crença religiosa também há lugar à dúvida

A crença religiosa não é uma fórmula. Mesmo entregando-se na totalidade ao Sagrado, as dúvidas surgem (também as tiveram outros místicos como S. João da Cruz, com a “noite escura”, e, mais próximo de nós, Santa Teresa de Calcutá manifestou-as em cartas particulares).

«Sinto-me bem a sós com Deus, no íntimo da minha alma, n’Ele encontro tudo e quanto mais longe das coisas da terra melhor, mais me orgulho n’Ele só; **não sei se é ilusão**, mas creio bem que não, pois é a fé e sei que **sou uma gotinha de água perdida n’Ele** e isso me basta. **Por vezes, um não sei quê, de externo, vem a querer perturbar-me, a dizer-me que vou mal** [...] confio no amor que sei que Deus me tem e fico certa de que não me deixará sair da senda que me tem traçada. Abandono-me mais e mais a viver a Sua vida em mim e a desaparecer no seu Ser Imenso, Infinito e Eterno... que Ele me ajude e faça de mim o que mais Lhe agradar»⁴⁸.

3. Perfil humano e espiritual da Irmã Lúcia

Oito anos após a morte da Irmã Lúcia, ocorrida em 2005, as suas Irmãs de clausura no Convento do Carmelo de Coimbra, onde ela viveu largos anos (desde 1948) e terminou os seus dias, elaboraram e publicaram uma biografia, a que deram o título *Um Caminho sob o Olhar de Maria*. Nesta obra é percorrido todo o seu trajeto de vida, ressaltando-se o seu perfil humano e espiritual, ao mesmo tempo que se vão desvelando alguns trechos do seu inédito manuscrito autobiográfico. Tanto numa vertente como noutra se revela a pessoa da Irmã Lúcia dos Santos. Referem as suas Irmãs – algumas com convívio de mais de cinco décadas –, em apreciação final, que a Vidente foi marcada pela «serenidade e bom humor até ao fim», por entre as dores que padeceu no final da vida⁴⁹. A sua peregrinação terrena, ainda segundo as suas companheiras do Carmelo, foi pautada pela «simplicidade», apesar de «os espinhos não faltarem».

48. Carta ao Arcebispo de Coimbra, D. Ernesto Sena de Oliveira, datada de 29 de abril de 1951, *apud COM*, 362.

49. *COM*, 450 ss.

Foi uma «vida enamorada por Maria», «por onde correu em abundância, como água cristalina de uma nascente sempre em direção ao mar, o amor que lhe deu força na sua passagem pelo mundo, que para ela *foi apenas o caminho para Deus*»⁵⁰.

Depois de mais de meio século de vida em comum no Carmelo, as suas companheiras de peregrinação terrena fazem o balanço final:

«Foi com carinho de Irmãs que percorremos ao lado da Irmã Lúcia o longo caminho da sua vida, iluminada pelo profundo amor a Nossa Senhora [...].

Sentiu as seduções do mundo, as tentações do demónio e as reclamações da sua natureza. Mas ela tudo venceu com heroica fidelidade ao SIM do dia 13 de maio de 1917. O mundo foi para ela apenas o caminho para Deus e, embora, por curvas ladeirentas, subiu sempre pelo caminho reto como um raio de luz, conforme o seu desejo íntimo, feito propósito e oferta generosa em favor dos Irmãos: *Quero que a minha vida seja um rasto de luz que brilha no caminho dos meus Irmãos indicando-lhes a fé, a esperança e a caridade*»⁵¹.

E, neste âmbito, tomemos também o testemunho da Irmã Ana Sofia de Maria e da Trindade – Irmã que entrou muito jovem para o Carmelo –, que com ela conviveu os últimos nove anos:

«As características que mais ressaltavam na Irmã Lúcia eram a sua humildade, a sua boa disposição e humor, que nem no meio de dores e sofrimentos ela perdeu. Tinha uma capacidade muito grande de dar respostas prontas, oportunas e sábias, mesmo quando a “picávamos” só para ver o que ela dizia»⁵².

Da sua personalidade e do seu caráter, a partir dos testemunhos encontrados, se podem relevar alguns atributos qualificativos da sua pessoa como “humildade” e “simplicidade”; “enamoramento” e “fide-

50. Frase em itálico extraída do seu *MC*, I, 208, *apud COM*, 7.

51. *MC*, III, 183, *apud COM*, 479; itálico na fonte.

52. Cf. testemunho em Paulo AIDO, *Irmã Lúcia. As imagens, mensagens e orações da última vidente de Fátima*, Primebooks, Estoril 2017, 31.

lidade” e, também, “serenidade” e “caridade”. Como, igualmente, poderá contribuir para uma melhor configuração do seu perfil o conjunto de pensamentos da Irmã Lúcia, devidamente organizados por Paulo Aido, de que destacamos os inseridos nas secções Amor, Caridade, Humildade, Perdão, Sabedoria⁵³.

Tópicos conclusivos

Ao longo da história, os humanos ~~intuem~~ ^{tem intuído} que neles mesmos há algo mais do que eles mesmos. Será uma intuição frustrada? A Irmã Lúcia passou a vida toda a falar, em pensamentos interiorizados e exteriorizados, não em solilóquio, mas em colóquio, com interlocutores metafísicos, de caráter transcendente, de que dão conta tanto o seu legado escrito como os testemunhos das pessoas com quem foi convivendo. Seria surpreendente passar a vida inteira a falar para ninguém ou com ninguém. A Irmã Lúcia entregou todo o seu ser ao mistério de Deus, mediado por Nossa Senhora.

Tomando os estudos de Mircea Eliade de fenomenologia e filosofia da religião, aplicados à linguagem da Vidente, podemos dizer que a Irmã Lúcia foi uma “mulher de Deus”. Após termos dividido os seus relatos diarísticos por várias categorias, estruturadas segundo os conhecimentos de Eliade, percebemos que estamos na presença de um ser humano que viveu a sua vida no âmbito do sagrado. Aliás, na denominada Mensagem de Fátima e nos escritos da Irmã Lúcia tudo converge para o essencial: Nossa Senhora é intermediária, é a estrela-guia, não é o objetivo final. O essencial está em Deus e na salvação por Ele assegurada. Em vários momentos do longo percurso da Irmã Lúcia fica clara esta posição substantiva. Na já referida aparição, de 31 de dezembro de 1979, ela termina a sua prece-oração assim: «Confio na Tua proteção de Mãe, sei que és Tu a Mensageira do Senhor para transmitir-me a Sua palavra, a Ele pertence realizá-la, embora servindo-Se deste humilde e pobre instrumento»⁵⁴.

53. *Idem*, 71 ss.

54. Testemunho de aparição em 31 de dezembro de 1979, em *MC*, IV, 132-133, *apud COM*, 391.

Para epílogo, transcrevo um pequeno poema-prece que, segundo as Irmãs do Carmelo de Coimbra, “um dia lhe saiu do coração” e, depois, uma pequena prece:

«Ao meio dia
A nós descia
Teu peito aberto, celeste luz!
Teu Coração
Traz o perdão
Ao pobre filho que a Deus conduz!

Em ti, Maria,
O sol sorria,
Formosa estrela lá do alto céu!
Com harmonia,
Meiga dizia:
Tens doce asilo no peito meu!

Terna aliança,
Firme esperança,
Sob o teu manto, vem-me abrigar; Tu que és pura,
Toda ternura,
Dentro em teu peito quero habitar.

Meu coração
Em tua mão,
Ó Mãe bondosa, deixa viver;
Salva teu filho
No escuro trilho.
Não m’o devolvas se o requ’rer.
Irmã Lúcia»⁵⁵.

«Concede-me, ó Bom Jesus, que em tudo e sempre eu siga a senda dos Teus passos e a luz dos Teus exemplos. Ela será a estrela que brilha diante de mim e fitando o seu rasto seguirei o eco da Tua voz. Ajuda-me a subir com passo firme a encosta agreste da montanha que na minha frente se ergue, que em tudo Te dê glória e como Tu possa dizer “As coisas, pois, que digo, digo-as como Meu Pai mas disse”»⁵⁶.

55. *COM*, 478.

56. *MC*, I, 209, *apud COM*, 315.

Bibliografia

- AIDO, Paulo, *Irmã Lúcia. As imagens, mensagens e orações da última vidente de Fátima*, Primebooks, Estoril 2017.
- ALLEN, Douglas, *Mircea Eliade et le Phénomène Religieux*, Payot, Paris 1982.
- AZEVEDO, Carlos A. Moreira, *Fátima: das visões dos Pastorinhos à visão cristã*, A Esfera dos Livros, Lisboa 2017.
- CARMELO DE COIMBRA, *Um Caminho sob o Olhar de Maria. Biografia da Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado O. C. D.*, Edições Carmelo, Coimbra 2013.
- ELIADE, Mircea, *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*, Rogério FERNANDES (Trad.), Livros do Brasil, Lisboa 1999.
- ELIADE, Mircea, *Tratado de História das Religiões*, 4.ª ed., Georges DUMÉZIL (Pref.), Fernando TOMAZ, Natália NUNES (Trad.), Asa, Porto 2004.
- FERRY, Luc, GAUCHET, Marcel, *Lo Religioso Después de la Religión*, Esteban MOLINA (Prólogo e Trad.), Anthropos, Barcelona 2007.
- GUARDA, Jorge Manuel Faria, "Pastorinhos", em Carlos A. Moreira AZEVEDO, Luciano CRISTINO (Coord.), *Enciclopédia de Fátima*, 2.ª ed., Príncipe, Cascais 2009, 389-393.
- JESUS, Lúcia de, *Memórias*, edição crítica de Cristina SOBRAL, apresentação de Marco Daniel DUARTE, Santuário de Fátima, Fátima 2016.
- MARTÍN VELASCO, Juan, *Introducción a la Fenomenología de la Religión*, 7.ª ed. (corrigida e aumentada), Trotta, Madrid 2006.
- MARTÍN VELASCO, Juan, *La Experiencia Mística. Estudio Interdisciplinar*, Trotta, Madrid 2004.
- Memórias da Irmã Lúcia*, vol. I, 17.ª ed., Fundação Francisco e Jacinta Marto, Fátima 2015.
- Memórias da Irmã Lúcia*, vol. II, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima 2010.
- MESLIN, Michel, *Aproximación a una Ciencia de las Religiones*, Gonzalo TORRENTE BALLESTER (Trad.), Ediciones Cristiandad, Madrid 1978.
- ROHDEN, Cleide Cristina Scarlatelli, *A Camuflagem do Sagrado e o Mundo Moderno: à Luz do Pensamento de Mircea Eliade*, EDIPUCRS, Porto Alegre 1998.
- SAHAGUN LUCAS, Juan de, *Interpretación del Hecho Religioso. Filosofía e Fenomenología da la Religión*, Ediciones Sígueme, Salamanca 1982.
- SILVA, Carlos Henrique do Carmo, "Aparições e experiências místicas: reflexão sobre o fenómeno de Fátima e contributo para uma sua renovada meditação espiritual", *Didaskalia* 28-1 (1998), 21-70.

passar para preto